ANO 7.º — Sexta-feira, 17 de Julho de 1914 — NUMERO 831

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
Ano (Portugal e colónias) . . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS
Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

E' de mais

Mal sabiamos nós que tão cêdo aqui tornariamos a protestar contra o que por si só basta para defenir a torpeza duma politica que a cegueira dum homem, que a insania dos outros perdeu, tem encarreirado por o mais perigoso e errado dos caminhos.

Se é assim, convocando comicios que a já nefasta *cordealidade* ainda permite, para nêles, êssa politica, de braço dado com reconhecidos elementos perniciosos e anarquicos, prégar a desordem, incitar á provocação e, o que é mais, permitir que se insulte o proprio regimen; se é assim, iniciando viagens propositadas para provocar conflitos que antecipadamente se conhece serem inevitaveis; se é assim, dizemos, que o sr. Antonio José de Almeida espera e crê impôr-se ao país como homem de govêrno, capaz de orientar uma situação e manter o prestigio do seu partido —engana-se redondamente. O sr. Antonio José de Almeida, o atribiliario homem publico engana-se porque a propria nação se lhe hade impor afastando-o donde não possa ser mais pernicioso do que tem sido.

E' de mais, não póde continuar o que nestes ultimos dias se tem dado em Lisboa e na cidade mais importante do norte—o Porto.

Compete á autoridade o emprego das mais violentas medidas, de fórma que se não repitam esses tristes espetaculos que são a degradante prova da mais estupida e indigna fórma de fazer... politica!

Condenando impiedosamente a leviandade do sr. Antonio José de Almeida, indo ao Porto, não podemos deixar de condenar com todo o rigor os excessos ali praticados contra aquele cidadão, ainda que sejam unanimes as informações de que tais excessos foram uma consequencia de provocações feitas pelo séquito de s. ex.ª em gestos e em palavras verdadeiramente ofensivas. Contudo, se o sr. Antonio José de Almeida fôsse um homem que, como chefe dum partido com pretensões a atingir um dia as cadeiras do poder, dispozésse da necessaria ponderação e especialmente do seu exclusivo critério, no interesse do seu proprio prestigio pessoal não se exporia ás váias e ao ridiculo publico, corrido em plena rua por onde afinal teve de passar cercado de tropa, como qualquer monarca de opereta. Assim sucedeu ao famoso ditador de execranda memoria que erradamente supôz que adqueria força néssas tristes exibições publicas, quando apenas êlas serviram para lhe derruirem o prestigio e o valor que todos os homens nas suas condições precisam. O sr. Antonio José de Almeida, de resto, apenas foi ao Porto para cumprimento do programa que indicava no respectivo numero a executar naquêle dia: o assalto á *Brazileira*, em Lisboa, e as vergonhosas scenas nas ruas do Porto, com tiros, á mistura, com que o sr. Antonio José tem em vista preparar a sua ascenção ao poder.

Se o partido evolucionista pretende chamar a si a opinião publica procedendo assim, organisando comicios onde falam sindicalistas, anarquistas e gatunos, como o famoso orador José Borges, que conta nada menos de 35 prisões; provocando desordens e disparando tiros sobre a multidão que apenas protesta; se o partido evolucionista, planeando e mandando executar assaltos a estabelecimentos publicos porque nêles se costumam demorar reconhecidos adversarios politicos quer fazer, com uma inconsciencia desgraçada, o jogo da reles falange partidaria dos adeantamentos e do imbecil que se sujou nas Necessidades, os partidarios de tal programa serão, com certeza, os primeiros coveiros do desordenado partido.

Incontestavelmente néstas circunstancias se encontra já o evolucionismo, que ultimamente tão tristes sinaes de vida tem dado, prégando o desasocego e a desordem, quer com ridiculas intimações a prazo fixo, quer com agua a ferver em cachão, que afinal arrefece de todo aos assobios do Porto, apezar das retumbantes puchadas com que, no orgão oficial da evolução, o sr. Antonio José se ilude a si mesmo.

Máu caminho é esse, pessimo caminho que em todos os tempos, em igualdade de circunstancias, sempre conduziu os que o percorrem á inutilidade e á morte.

Não é assim que o sr. Antonio José de Almeida se imporá ao país; não será *procurando obter por meio de violencias*, como refere já a imprensa estrangeira, que o evolucionismo conquistará o lugar que pretende e era justo que tivésse.

Esse lugar, cértos estamos disso, só o poderá obter o sr. Antonio José de Almeida, trabalhando pelo prestigio do regimen, pela tranquilidade publica, ajudando e aplaudindo o trabalho calmo e progressivo do país, que quer avançar pacifica e ordeiramente.

Não é com esse sistéma de campanhas estupidas, mais proprias de cafres do que de homens cultos, que um partido ou um chefe se levanta e exalta. A historia o diz. E o sr. Antonio José, que tanto cita a historia, deve, porque ainda é tempo de salvar-se, ir arrancar ás suas paginas o que éla possa ter de salutar para a orientação do seu partido.

De contrario... bradaremos sempre—é de mais, é de mais!

Até que alguem nos ouça...

Films . . .

Tambem?

Com o sugestivo titulo—*Isto cheira a cadaver*—publicou agora a *Soberania do Povo*, de Agueda, um artigo do sr. dr. Cherubim Guimarães, em que o douto advogado desta cidade preconisa para bréve o enterro da Republica.

Mas não haverá confusão, sr. dr. Cherubim? Não lhe cheirará *isto*, antes, a esturro?...

Nem se discute

Dum numero do *Diario da Manhã*, que nos chegou ás mãos:

> «A verdade é intransigente—e ela impõe que se diga, com louvor ou com severidade, que, se não fosse Afonso Costa, a republica não tería ainda passado entre nós duma méra aspiração platónica de meia duzia de pregadores, ridiculos sonhadores ou palavrosos!»

Contudo ainda ha quem não queira crêr nesta afirmação.

Pois é insuspeitissima.

Adesões

Com desvanecimento, anuncia a *Republica* a adesão do sr. coronel Simas Machado ao evolucionismo. O sr. Simas Machado foi por largo tempo do partido democratico, mas por uma simples questão de regedoria entendeu que lhe não era licito acompanhar mais o sr. Afonso Costa e de aì o ir ligar-se precisamente áqueles de quem ainda ha bem pouco recebera agravos só para ter o gostinho de enaipar com os difamadores do eminente estadista.

Querem lá vêr que o sr. Simas Machado é dos taes com costéla de *Bichêsa*?...

Pulhismo?

Chegam-nos uns zumbidos de que a *Lucta*, em correspondencia de Aveiro publicada o mez passado, traz umas alusões nas quaes se pretende atingir, caluniando, quem neste jornal superintende. Procurámos esse numero, mas não conseguimos encontra-lo. Está pedido para Lisboa. Aguardâmo-lo. No entretanto desde já podemos garantir ao correspondente da *Lucta* que, a confirmar-se a noticia, não lhe chamaremos só pulha. E' talvez insuficiente esse nome para o qualificar. Vêr-se-á. Questão de dias e tudo hade ficar esclarecido, como apraz ao correspondente da *Lucta* e tambem a nós, sempre prontos para o servir...

Uma vilêsa

A atitude desbragada do *Camaleão* contra o chefe evolucionista indigna-nos. Pela circunstancia de acompanharmos politicamente o sr. Antonio José de Almeida? Não, porque toda a gente sabe o quanto nos achâmos afastados do partido que ele representa. Mas a nossa revolta justifica-se: o *Camaleão* insulta o sr. Antonio José de Almeida, dirige-lhe impropérios, pretende atingi-lo com doestos? Não se julgue que é por paixão, por amor aos principios republicanos ou porque realmente não veja naquele homem publico condições de estadista, como a todo o momento se esforça por fazer salientar. Não. A corja da Vera-Cruz, que foi uma péste que caíu no partido democratico a ponto de afastar dele preciosos elementos, mira outro fim muito diferente daquele que a maior parte da gente talvez suponha. Aquilo, aquela objurgatoria toda não passa de méra fantasia. Vá ámanhã o sr. Antonio José ao poder... Deixe o sr. Afonso Costa de apoiar qualquer pretenção que lhe façam os estanhados troca-tintas, e vêr-se-á, vêr-se-á depois se essa cambada desmente o passado. Essencialmente calculistas, é ainda mercê desse grande atributo que os farçolas crêem agradar ao sr. Afonso Costa dirigindo chulos palavrões ao chefe evolucionista. Pois não lho consentimos. Nós, republicanos, não consentimos aos *dramaticos* da Vera-Cruz que se arroguem um direito, que não teem, uma autoridade, que não possuem, para enxovalhar com grosserías e ditos agaiatados os homens representativos da Republica. Não; essa vilania é que não passa sem o nosso veemente protésto, que aqui fica lavrado já que os amigos do sr. Antonio José de Almeida não quizéram tomar a iniciativa.

TENENTE EVARISTO GERAL

—(*)—

Está em Aveiro, fazendo temporariamente serviço nos corpos da guarnição desta cidade, o ilustre clinico de artilharia 2 e nosso presado amigo, sr. dr. Evaristo Geral.

Evaristo Geral é aquele brioso militar que, ha dois anos, se insurgiu, em Ilhavo, contra a exploração ignobil de que eram vitimas os mancebos que entravam na inspecção para o serviço militar, a quem se extorquia várias quantias, a titulo de livramento, pelo processo do *conto do vigario*, e que deu logar, como os leitores devem estar lembrados, á veemente campanha nestas colunas sustentada durante mezes em prol da moralidade ofendida, da honra e do prestigio da Republica. Conhecido desde então, o seu nome é ainda hoje citado quando se fala no julgamento a que o nosso director foi submetido por denunciar a traficancia e no qual se pretendeu equiparar as testemunhas de defêsa com o miseravel creatura ao publico apresentada como a principal figura de tão nogento crime. A energia com que o dr. Evaristo Geral repeliu a afronta, o modo como respondeu ás insinuações que lhe foram feitas, creou a esse digno e honrado militar uma auréola de tanta simpatía nesta cidade, que sería faltar a um dos mais rudimentares deveres se, por intermedio do *Democrata*, lhe não manifestassemos, com os nossos cumprimentos, a consideração em que é tido desde o dia que se afirmou pelo seu integro caracter.

O advogado

Conego João Ferreira Gomes mudou a sua residencia e escritorio da rua da Revolução n.º 3 para a rua da Sé n.º 1, onde continua a tratar de todos os negocios forenses com o maior zelo, rapidez e economia.

ISTO CHEIRA A CADAVER

afiança o sr. Cherubim Guimarães na "Soberania do Povo,,

Já ha muito que a falta do sr. dr. Cherubim do Vale Guimarães era sensivelmente notada entre os apreciadores da bela prosa literaria, aos quaes não passava despercebido o penoso interrégno que, com magua geral, parecia eternisar-se, privando-os de contarem os seus triunfos e as letras patrias dum dos seus mais... belos ornamentos.

Faziam-se mimicas interrogações ao ajudante, nos momentos propicios entre o ultimo carregar do cachimbo e o riscar de fosforos para incendiar o tabaco e ele mimicamente respondia tambem, com um encolher de hombros e uma contração facial, claramente indicadora de que não havia nada de novo...

O homem tem pelo seu protector e amigo uma justificada e profunda admiração, pelos extraordinarios e invejaveis merecimentos e mais partes que concorrem na prodigiosa figura do sr. dr. Cherubim e ainda pelo brilho das suas faculdades e, nomeadamente, da inquebrantibilidade politica do seu caracter, a maior simpatía.

Em tempos idos, cêrca de quatro para cinco anos, era cousa vulgarissima ser aqui progressista e em Tábua—regenerador. Progressista aqui para conseguir das municipalidades um custeiosinho a ultimar a estrada que era precisa concluir, valorisando a prometedora vivenda; regenerador em Tábua para se manter uma cousa que para quantos aproveitava era regularissima: um emprego publico ali mas com residencia oficial em Aveiro, respirando a atmosféra salinosa dos lados de S. Tiago e fiscalisando a taréfa agricola que os terrenos da granja exigem na variada e multiplicada aplicação a que os seus felizes proprietarios os submetem.

Isto coincidia com a época dos *adeantamentos*, das publicas e confessas ladroeiras assim como toda a casta de violencias e ilegalidades.

Cada um, conforme a sua categoría, ia aceitando o que se lhe apresentava. Naquelas alturas tudo quanto vinha era ganho porque nem todos estavam no caso de abiscoitar um adeantamento em... metal sonante.

Era mais que aceitavel um raciocinio assim feito.

Educado nestes principios de absoluta e indiscutivel independencia; mantenedor integral dos velhos pergaminhos autentificados na secular arvore genealogica, familiar; escritor, critico, orador, advogado, nunca o sr. Cherubim do Vale pactuou com o novo regimen para o qual sempre tem tido duas pedras na mão. E para não perder principios ainda que já mantidos por diversas fórmas fez aparecer no jornal da familia do sr. Conde de Agueda, um artigo, que produziu um frémito indiscritivel entre os seus admiradores, artigo escrito com a mesma facilidade com que no tribunal faz a defêsa dos mais hediondos crimes!

O artigo em questão batisou-o o nosso moreno bacharel com a seguinte e tétrica designação—*Isto cheira a cadaver!*

O que, porém, logo se vê é que o cheiro não é tão repugnante e fétido que encomode o moderno Petronio desta bela terra, que apesar dos seus trajes atuaes—sem tunica e sem sandalias—desperta sempre muito apetite e curiosidade na sua irrepreensivel quinzena, leve e fresca, com o seu chapelinho de palha branco como uma açucena, que mais lhe salienta a côr palida-mate e a morbida languidez dos seus olhos doces!...

O magico bacharel podería ter escrito o referido artiguinho, em surrados chavões de rombudo estilo, maçudo e pedregulhento, como as estradas que serviram para a inolvidavel viagem de que resultou aquela famosa descrição corografica-cientifico-historica—*Cinco dias em auto á Serra da Estrela*. Mas não. O brilhante critico quiz antes dar-lhe uma fórma mais simples e não se embrenhar em complicados labirintos de frase. O artigo é um escrito de *propaganda*, de *combate* e de... *palavras*—mas palavras que á primeira vista parecem dizer muito, embora no fundo nada valham.

Tal qual sucede ao derramamento de essencias nos lencinhos domingueiros...

Aroma e nada mais. E contudo, apesar de obedecer a este proposito, o chorudo (*chorudo* no sentido de produzir *choro*—é um adjectivo como *amorudo*, *félpudo*, *veludo*) escritinho é o que se chama duma infelicidade espantosa. Sem a citação concreta dum facto, dum crime, dum acto sequer dos mais insignificantes comparados áqueles que nos tempos em que não *cheirava a cadaver*, mas cheirava ao *venha a nós*, era o pão nosso de cada dia; amalgama de palavras e de citações infelizes, como a de *enfarruscar... a vermelhão*, classificando de *pigmeus* figuras como a de Afonso Costa, Teofilo Braga, Freire de Andrade e tantos outros homens que, servindo a Patria servem a Republica, o famoso bacharel, que, como a ele proprio, só reconhece grandes e imorredouros, encarnações completas de verdadeiros politicos e patriotas, os condes de Agueda e quejandos, conseguiu contradizer-se, infeliz e desgraçadamente, nos pontos mais culminantes da sua pobrissima prosa.

Vejâmos. O sr. doutor refere-se á Republica:

> «*Vinha envolta em roupagens vistosas e para as gentes boquiabertas deste país de fatalistas e simplorios onde se obra pelo sentimento* (ha tambem, doutor, quem obre por outras razões...) *e não se actua pela inteligencia, a exterioridade é tudo!*
>
> *Além disso a pequena era bem composta de carnes e pronto se coloriram de rosa as suas faces minusculas.*
>
> *A atmosféra parecia pura e num ambiente propicio não ha compleição que se não fortaleça nem organismo novo que não revigore.*»

Ora como o leitor vê isto é decididamente positivo e terminante.

Pois não é; porque numa consideração infeliz e mentirosa, meia duzia de linhas abaixo, o proprio doutor escreve com a mesma penna, que serviu para traçar aquelas linhas, o seguinte:

> «*Filha de maus paes, degenerados e prostituidos, vendendo a saude e a honra pelos alcouces e pelas tavolagens, roidos pelo alcool e minados pela sifilis* (valha-nos o 606, advogado, de taes males!) *em promiscuidades imundas e em contactos impudicos e baratos, a pobre filha, pequenina e tenra, dobrando ao vendaval do mundo como uma haste delicada erguendo-se num pantano, expia dolorosamente na terra o crime dos seus progenitores!*»

De fórma que, enquanto o me-

lifluo autor desta mixordia de esdruxulas palavras que, se não traduz *uma crise pavorosa de megalomania perversa*, fornece uma indiscutivel e tristissima prova de desorientação, ora afirma que a *pequena era bem composta de carnes*, com uma compleição que em tal atmosféra se fortalecería e com um novo organismo que nela tinha condições de revigoramento, ora nos diz que *a filha expia dolorosamente na terra* (podéra ser no Céo!) *o crime dos seus progenitores!*

Alguem, mais feliz do que nós, terá a facilidade e a felicidade de compreender a parobola bem mal cheirosa, por sinal, que o dr. Cherubim, após tanto tempo de inquietador silencio, deu á luz em tão apertada hora, nas colunas da *Soberania*.

Pena é que tão excelente *medico*, diagnosticando com tanta precisão e divagando com tanto conhecimento, não indique uma formula, não apresente um meio, violento mesmo, mas benéfico e salvador, na razão directa da sua propria violencia, para vêr se, ou volta á *pequena* a primitiva compostura de carnes, limpa das *purulencias assustadoras duma decomposição progressiva*, afugentando a *vérmina que a corroe, minando-a desalmadamente, impiedosamente*, ou no caso contrário o ilustre e moderno Esculapio póde animar o corrompido e encarquilhado corpo da *outra senhora*, que se aniquilou em pestilenta diarreia de adeantamentos e de todos os crimes, veiculo de morte para a Patria, senhora que hoje representada sómente está por aquela triste vergontea que pela Alemanha combate molestias obtidas em *promiscuidades imundas* minando o lar e envergonhando uma familia.

Essa, doutor, de facto e de verdade já *desceu á vala comum, desacompanhada de todas as pompas e abandonada de todos os que a afagaram em vida, nada mais restando dela senão a lembrança tragica e a repugnancia ainda bem pronunciada da podridão em que se desfez!*

E ainda que, por *snobismo*, o doutor escreva heresias desta grandêsa e tropos deste calibre, cinja-se sempre á verdade das cousas mostrando lealmente a medalha por ambos os lados.

A mentira e a paixão não são, por cérto, ornamentos duma sã consciencia nem carateristicos de qualquer homem de bem.

Sabe o doutor?

Transcrições

Deu-nos mais a honra de transcrever o nosso artigo de ha dias — *A restauração*—o distinto confrade bejense, *O Porvir*, a quem agradecemos.

= O *Povo* e o *Mundo*, diarios de Lisboa, o *Norte* e a *Montanha*, diarios do Porto, o *Povo* e a *Vida Nova*, de Viana do Castelo, transcreveram egualmente a biografia do Cunha e Costa feita pelo proprio pae e que o *Democrata* estampou no seu numero da semana finda.

Admiravel.

INSUBORDINAÇÃO MILITAR

A meia tarde de quarta-feira espalhou-se na cidade que no quartel de cavalaria 8, onde tambem se encontra instalado o 1.º batalhão de infanteria 24, se havia dado uma insubordinação por parte das praças pertencentes ás duas unidades, pondo em sobresalto os moradores do sitio e dando logar a desencontrados boatos.

Para bem informarmos os nossos leitores procurámos quem melhor nos pudésse pôr ao facto da ocorrencia e então soubémos que a ela deu motivo um conflito entre o alferes de cavalaria Sá Guimarães e um corneteiro de infanteria, que se propunha fazer determinado toque em logar tambem determinado. Após a prisão deste houve protéstos, voseria, gritos, comparecendo imediatamente alguns oficiaes que puzéram côbro á exaltação dos soldados, serenando os animos.

Para apuramento de responsabilidades está sendo levantado o competente auto.

Excursão a Vizeu

—=(*)=—

Sempre se efectua no domingo a projectada excursão á cidade de Viriato, pela linha do Vale do Vouga, notando-se entre os inscritos o maior entusiasmo por esse passeio em que devem tomar parte aproximadamente duzentas pessoas.

Vizeu é a capital da Beira Alta, cidade antiquissima, teatro de grandes luctas entre várias das tribus que dominaram a peninsula e cuja fundação se atribue aos *turbulos* como a maior parte das povoações ao ocidente da Serra da Estrela. E' uma cidade de aspecto aprazivel, com lindos campos e muitissimo comercial. A feira de S. Mateus, mais conhecida pela Feira Franca, que se realisa em Setembro no Campo de Viriato, campo com mais de 100:000 metros quadrados, junto à *Cava de Viriato*, ainda hoje é das mais importantes do país, e, antes das vias aceleradas era de uma importancia colossal.

Tem Vizeu magnificos predios particulares, que atestam a sua antiga nobreza e muitos monumentos publicos, taes como a Sé, estatua Alves Martins, estatua Camões, Paço do Fontelo, Hospital, Egreja da Mizericordia, Asilo de S. Caetano, Asilo de Infancia Desvalida e o Seminario (ex) com a sua escada notavel, por ser feita em arco tão abatido que os degraus parecem suspensos e perfilados em linha recta. Tem valor historico a *Cava de Viriato* mandada construir por Caio Negidio, ha mais de 20 seculos para proteger os romanos contra os luzitanos, os quaes capitaneados por Viriato os deslocaram, sendo este depois traiçoeiramente assassinado por tres bandidos rendidos a Scipião que lhes recusou o preço da sua infamia. Esta notavel fortaleza em fórma de octogno com fosso e muralhas está reduzida a um grande aterro arborisodo, servindo de aprazivel passeio. O principal monumento é, sem duvida, a Sé, grandioso templo de magnifica arquitectura com soberbos trabalhos de talha nos seus altares, tendo em tudo aquêle tom pesado e gràve que os seculos imprimem. São notaveis os seus antigos paramentos e ainda de maior valor a grande coleção de quadros que tem na sacristia e sala do *Capitulo*.

Visitando todas estas preciosidades estamos bem cértos que ninguem deixará de louvar a iniciativa da comissão promotora da excursão que no domingo abala pelas 6 horas, linha do Vale do Vouga fóra na conquista de novos horisontes...

Os restantes bilhetes, em numero limitado, encontram-se á venda nas casas Salgueiro & Filho e Souto Ratola, á Costeira.

Five ó clock tea... politico

—=(*)=—

No gabinete do sr. governador civil tivéram ontem larga conferencia com o chefe do distrito os representantes dos diferentes concelhos, agremiados nos partidos da Republica, excepção feita dos evolucionistas, que, apesar de tambem receberem convite para a reunião, não compareceram.

Ao que nos consta ficou resolvido a substituição de todos os administradores menos os de Aveiro e Castélo de Paiva, por serem os unicos existentes desde o govêrno Provisorio.

Necrología

A's primeiras horas da manhã de ontem sucumbiu nesta cidade depois de cruciante e prolongado sofrimento, o sr. dr. Carlos da Cunha Coelho, medico pela Escola do Porto, mas ha muito afastado dos trabalhos clinicos por razões que não nos é dado conhecer.

O sr. dr. Carlos Coelho era ainda novo. Deixa viuva a sr.ª D. Maria Lemos da Cunha Coelho, natural de Braga, e na orfandade tres encantadoras creanças, a mas velha das quaes com 6 anos.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 50$00 o vagon.

AGITAÇÃO POLITICA

Em Lisboa e no Porto

dão-se, no principio da semana, sérios conflitos, provocados pelas recentes campanhas contra o partido democratico

Um comicio seguido de assalto ao café da "Brazileira,, --- A viagem ao Porto do sr. Antonio José de Almeida e os sucéssos a que deu origem

Teve principio no domingo o que tantas vezes nas colunas do *Democrata* hémos profetisado: republicanos que ás instituições déram, em comum, exuberantes provas duma inexcedivel dedicação acham-se agora divididos até ao ponto de mutuamente se agredirem, colêricos, enraivecidos como se entre eles não existisse o mesmo sentimento de outr'ora, o mesmo amor pelo regimen que ainda não ha quatro anos foi implantado com sacrificio de inumeras vidas e ao qual nós queriamos vêr ligados, sem odios, sem rancôr, trabalhando pelo rejuvenescimento desta Patria, tendo só em vista o bem do país, aqueles em quem depositámos as maiores esperanças, confiando-lhes as prosperidades e o futuro da nação.

Não sucéde, porém, assim, com magua o dizemos.

O que se está passando não é nada daquilo que muitos de nós, republicanos e patriotas, julgámos e quizéramos que fosse. Os sucéssos de domingo dão-nos uma impressão triste e desoladora porque neles vemos o pronuncio dum grande cataclismo se o bom senso não entrar rapido, como urge, no seio daqueles que, embrenhados numa politica de odios, de injurias, de ameaças e de perturbações, parecem esquecidos do que á democracia devem em responsabilidades, do que ao povo, a este bom povo português que a monarquia aviltou e perseguiu, é altamente patriotico que se lhe conceda—paz, trabalho, civilisação e liberdade.

Liberdade, sim, mas liberdade dentro da ordem. Porque de contrario deixa de ser liberdade para tomar o nome de anarquia donde resulta a desordem, os excessos, tudo, enfim, quanto se tem observado desde as agitadas sessões parlamentares dos ultimos tempos até á sua reedição em comicio publico organisado por evolucionistas, anarquistas e sindicalistas, coligados.

Não póde ser. A reunião de domingo devia-se ter evitado. Tanto mais que nela tomava parte um orador que só á sua conta tem a pezar-lhe um cadastro de 20 prisões, o bastante para se reconhecer das intenções que levam os agitadores ás campanhas de descredito em que andam empenhados. Não o entendeu, porém, assim o govêrno e as consequencias não podiam ser mais desastrosas. Terminado que foi esse comicio, onde, a par de Camilo Rodrigues e Julio Martins, evolucionistas, perorou José Borges, preso *por máos tratos aos animaes, por jogo proíbido, por furto, por vadiagem, por desobediencia, por porte de arma, por palavras subversivas, por tentar contra o pudor com violencia e homicidio voluntario, por burla, por agressão á policia, por tentar passar tentos por libras, por contender e fazer gestos obscenos, por suspeita de fazer propaganda contra as atuaes instituições*, etc., logo se iniciou a série de conflitos que eram previstos, com os competentes tiros de pistola, sendo, todavía, de maior gravidade os subsequentes, no numero dos quaes está o assalto á *Brazileira*, acto verdadeiramente selvagem, indigno da Republica, indigno dum partido, indigno de quem o praticou. Verberamo-lo tambem. Mas deixem-nos que frizemos este ponto: os assaltantes são os que, a nosso vêr, menos responsabilidades teem, por todas elas caberem absolutamente aos autores da propaganda deletéria com que os inimigos do Partido Republicano Português se propõem aniquila-lo, fazendo causa comum com os monarquicos, que são, no meio de tudo, os que gosam e aproveitam das nossas dissidencias.

E posto isto, feitas estas considerações, filhas, não do desanimo, mas da condenação que estes espectaculos vergonhosos nos provoca, passemos á narrativa dos factos que os leitores do *Democrata* teem o direito de apreciar e que, em resumo, são como seguem:

DEPOIS DO COMICIO

Evolucionistas, armados de bengalas e pistolas, assaltam, no Rocio, o conhecido café "A Brazileira,,

Apezar da serenidade habitual que Lisboa tomou após os acontecimentos da tarde, que sucintamente ficam narrados, pelas 22 horas dava-se um terrivel choque entre individuos afectos aos partidos politicos e que, segundo a melhor versão, é assim contado:

Áquéla hora o café da *Brazileira*, estabelecido no Rocio, regorgitava de freguezes, vendo-se tambem muitas pessoas á beira do passeio, em frente da porta principal, e outras na proxima paragem dos eletricos. Nésta altura, um individuo alto, bem trajado, entrou no café, abeirou-se de um outro que estava sentado a uma das mezas e, sem proferir palavra, deu-lhe uma bofetada, ao mesmo tempo que gritava:

— Abaixo a *formiga branca!*

O individuo agredido, tendo-se desequilibrado da cadeira, caiu e ainda se não tinha levantado quando um numeroso grupo corria da rua em direcção á porta, em atitude de ameaçadora, repetindo o grito do primeiro e dando vivas á Republica. Rapidamente, quer os que assaltaram o café, quer outros individuos que estavam dentro deste puxaram de revólvers e pistolas, começando a disparar tiros á doida, facto que se repetia do lado da rua Primeiro de Dezembro, cujas portas foram assaltadas por outro grupo, que iniciou o ataque despedaçando alguns vidros á bengalada. Durante cinco minutos o tiroteio foi enorme e intenso, tendo-se disparado mais de 20 tiros, cujas balas foram danificar os espelhos e alguns vidros da porta principal, trocando-se egualmente muitas bengaladas, a maioria das quaes atingiram principalmente as pessoas que se encontravam no café alheias ao conflito e cujo pasmo e susto é facil calcular, dado que ali estavam tranquilamente, longe de supôrem um semelhante acontecimento.

Com a mesma rapidez com que se fez o assalto, assaltantes e assaltados abandonaram o estabelecimento como por encanto, dando-se um sem numero de atropelamentos, cenas de terror, gritaria, etc., e o caso curioso de um individuo de cêrca de 60 anos ter fugido para o lado da rua Primeiro de Dezembro, saltando pela bandeira da porta. Por este facto, posto que a policia tivésse acorrido pressurosa e, num momento, houvésse cercado o café, distribuindo ainda algumas espadeiradas, apenas foi detido e levado para o posto do teatro Nacional o porteiro da Brazileira, que se encontrava empunhando uma pistola, parecendo, porém, que não chegára a fazer uso déla.

Alguns minutos depois, o café encerrava as suas portas. Os grupos, afastados ao longe, tinham entre si pequenas scenas de pugilato, gritando-se ainda—*abaixo a formiga branca*—até que no Rocio apareceu o piquete do governo civil, uma força de cavalaria da guarda republicana, comandada pelo capitão sr. Esmeraldo, da policia civica, e o sr. dr. Abraão de Carvalho, ajudante do director da policia de investigação.

Estabelecidas imediatamente várias patrulhas pelo largo e colocadas nas embocaduras das ruas grupos de policias, a paz restabeleceu-se tão rapidamente que, pouco depois, toda a gente circulava pelo local do conflito com a maior tranquilidade, grupos de senhoras com creanças, familias saídas dos teatros, parecendo que nada tinha ocorrido. Apenas o facto de se encontrar fechado o café despertava as atenções e ainda o aparato da força da guarda republicana evolucionando em redor da praça.

Apezar do tiroteio ter sido, como dissémos acima, nutrido e vivo, deu-se o caso curioso de ninguem ter ficado ferido com balas, porquanto apenas foram curar-se ao hospital de S. José, Alfredo Horta, morador no largo de Santa Cruz, ao Castélo, 4, 3.º, que ficou ferido na cabeça em resultado de umas cacetadas; Dionizio Pereira, morador no beco da Era, 8, 2.º, egualmente ferido na cabeça tambem em resultado de uma cacetada, e Miguel Venancio, mestre da construção civil, de 34 anos, residente na rua das Taipas, 55, rez-do-chão. Este individuo, tendo regressado pouco antes de Cintra, onde fôra com sua familia, passava no largo de Camões transportando uma pequena mala de mão, quando foi abordado por um amigo que se propôz contar-lhe o que se havia dado. Nésta altura um grupo abeirou-se de ambos e um dos individuos que o compunham começou dizendo que o sr. Miguel Venancio levava dentro da mala uma porção de bombas de dinamite.

Dois policias, que estavam proximo, acercaram-se e, perante a gravidade da acusação, convidaram o sr. Venancio a acompanhal-os ao posto do Teatro Nacional. Foi nésta ocasião que o grupo caíu sobre o detido, agredindo-o á bengalada e ferindo-o alguem com uma punhalada numa perna e outra num quadril. Na mala, afinal, iam apenas quatro pares de queijadas.

Não se comenta. Regista-se apenas para edificação dos que se propozeram lançar o país na desordem sem olhar aos resultados que da lucta possam advir.

No Porto

O chefe evolucionista e seus partidarios apupados por milhares de pessoas --- A tropa guardando o sr. Antonio José de Almeida --- Conflitos

Em seguida aos sucéssos de Lisboa é naturalmente para o Porto que convergem as atenções tão edificantes são os casos anormais que ali se déram tambem por acasião da visita, no domingo, do chefe evolucionista á capital do norte.

Eis como daquela cidade narram os acontecimentos:

Acompanhado dos srs. Vasconcélos Sá, Malva do Vale, e Angelo da Fonseca, chegou no rapido da tarde de Lisboa, o sr. Antonio José de Almeida, que veiu conferenciar com alguns seus amigos politicos desta cidade e dos concelhos visinhos, sobre o proximo acto eleitoral.

Na *gare* de S. Bento viam-se, em grande numero, os seus amigos e partidarios, que, ao avistarem o comboio, romperam aos vivas entusiasticos ao sr. dr. Antonio José de Almeida, ao partido evolucionista, etc., etc. Quando o comboio parou o sr. dr. Antonio José de Almeida assomou a uma das portinholas, redobrando o entusiasmo.

Cá fóra, nas imediações da estação, haviam-se juntado alguns milhares de pessoas, a custo contidas pela policia.

O sr. dr. Antonio José de Almeida seguiu com todos os seus partidarios para o porta de saída. Um pequeno grupo, de que se destacavam dois boletineiros do telegrafo, começou a dar vivas ao partido democratico e ao dr. Afonso Costa e morras aos traidores e aos falsos republicanos. Alguns evolucionistas desataram então á bengalada e á bofetada aos referidos individuos, armando-se grande borborinho. Cá fóra chegou rapida a informação do que na *gare* se passava, e então todos aqueles milhares de pessoas romperam em vivas ao sr. dr. Afonso Costa, ao partido democratico, e em morras ao dr. Antonio José de Almeida, aos evolucionistas, aos traidores, etc.

A confusão foi enorme, correndo tudo para a porta de saída.

A força de policia foi impotente para conter a grande multidão, que ao vêr o sr. dr. Antonio José de Almeida subir para um automovel soltou morras e assobiou-o.

A' frente ia outro *auto* com vários amigos daquele chefe politico. O deste largou veloz por entre a multidão. No ar, ameaçadoras, viam-se muitas bengalas.

Entretanto, o sr. dr. Antonio José de Almeida, de pé, no carro, agitava o seu chapéu agradecendo as manifestações dos seus partidarios e atravessou a praça seguindo para o hotel Francfort, onde se hospedou.

Alguns evolucionistas tentam falar ao povo mas este não consente e assobia-os — A policia dá pranchada e fere alguns manifestantes

A multidão seguiu tambem até ao hotel, dando-se alguns conflitos a murro e á bengalada.

Do posto policial da praça da Liberdade e da esquadra do govêrno civil chegaram reforços de policia que separavam os contendores.

O aspecto da praça da Liberdade, pelas 15 horas, era simplesmente belo, vendo-se repleta de curiosos, que rompiam a custo para junto do hotel Francfort.

A' varanda deste apareceram alguns partidarios do sr. dr. Antonio José de Almeida, que tentaram usar da palavra. O povo, porém, não os deixou falar: asso-

biou-os e apupou-os. O barulho era ensurdecedor e a confusão indiscritivel.

A policia, que já então se encontrava no local em crescido numero, sob as ordens do comissario geral, sr. Caldeira Scevola, inspector sr. dr. Romulo de Oliveira e sub-inspector tenente sr. Caldeira, procurou fazer dispersar por meios brandos os manifestantes.

Estes, porém, cada vez gritando mais e gesticulando, corriam para a frente do hotel, onde se manifestavam ruidosamente contra os evolucionistas e seu chefe.

Alguns guardas desembainham então os sabres e descarregam pranchadas, que atingiram vários populares, ferindo-os. Redobrou a confusão, havendo desordenada correria. Muitos populares refugiaram-se nos portaes que encontravam abertos, nos cafés e restaurantes da praça da Liberdade. Outros assaltam os eletricos, que seguem repletos. A policia formou então em cordão e foi tomando as embocaduras das ruas, não deixando circular ninguem. Por traz do cordão ouviam-se sempre vivas ao dr. Afonso Costa e ao partido democratico e morras aos traidores, aos almeidistas, etc., etc.

O governador civil mandou avançar a cavalaria e infanteria da guarda republicana. A primeira força é recebida com palmas e vivas.

Essa força foi formar para junto do Hotel Francfort, de onde a bréves minutos saiu para dispersar a multidão. O tenente que comandava essa força procurou por meios suasorios fazer com que o povo dispersasse. Não o conseguindo, porém, mandou dar uma carga, correndo então aqueles milhares de pessoas á frente dos cavalos.

Essa força fica depois estacionada na praça da Liberdade, e chegando os infantes, estes, que eram em numero de 90, são divididos em pelotões, que tomam posições diferentes e as embocaduras das ruas, não permitindo a passagem.

O orgão do partido sofre um auto de fé em plena rua—O sr. dr. Antonio José de Almeida sáe do Centro depois de tomadas as embocaduras das ruas pela tropa

Em frente ao hotel, ante as forças, grupos de populares, aparecendo os vendedores de jornaes, arrancaram-lhes das mãos os exemplares da *Republica* a que lançaram o fogo, fazendo-lhes um auto de fé, ao que não faltou o cantochão.

Em pontos isolados, dão-se conflitos entre partidarios de politica diferente. A policia e os superiores acodem léstos, conseguindo fazer serenar os animos por momentos.

Ao hotel, a cumprimentar o chefe evolucionista, afluiram os seus principaes partidarios, não só desta cidade mas tambem de diferentes concelhos do norte.

Minutos depois das 16 horas, o sr. dr. Antonio José de Almeida, acompanhado dos seus amigos, saiu do hotel, seguindo em automovel para o Centro Evolucionista, onde foi conferenciar com os seus partidarios.

Algumas forças de policia e cavalaria foram para junto daquele edificio, onde se juntou muita gente a continuar as manifestações hostis.

O sr. dr. Antonio José de Almeida retirou do Centro ás 18,45. As ruas estavam então defendidas por cavalaria da guarda republicana e policia, vendo-se para além destes cordões, nas embocaduras, um publico numeroso, que dava vivas a Afonso Costa e morras a Antonio José de Almeida.

Este senhor, com alguns amigos, tomou logar no automovel e dirigiu-se á Senhora da Hora, onde foi jantar em casa do sr. Rodrigo de Castro, presidente da comissão distrital evolucionista. O carro ia, porém, acompanhado por cavalaria, que teve de evolucionar, a fim de afastar o povo.

A' passagem nas Carmelitas os populares manifestaram-se ruidosamente, tendo chegado um a puxar de revolver para um sargento da guarda, sendo desarmado e mais tarde solto, juntamente com mais oito que haviam sido tambem capturados.

A' noite ha novos conflitos, saindo mais forças para a rua

Pouco depois das 20 horas a praça da Liberdade encheu-se outra vez de povo. As ruas centraes tinham um movimento enorme. As forças não podiam já conter os animos e por isso o governador civil mandou sair mais guarda republicana, que fez circular o povo, ouvindo-se continuamente vivas á Republica e a Afonso Costa. Trocaram-se bengaladas. Ha mais cabeças partidas e faz-se uma prisão que não é mantida. Os grupos anceiam pelo regresso do chefe evolucionista para o apupárem, mas aquele senhor consegue entrar no hotel sem ser visto, pelo alto da rua Elias Garcia, onde o povo escasseia mais.

Quando se espalhou a noticia de que o sr. dr. Antonio José de Almeida estava já no hotel, a multidão exaspera-se e avança para ali em atitude agressiva. Novo reforço de tropa obsta a que o povo avance, fechando então o café Chaves, que fica nos baixos do hotel, e outros estabelecimentos da baixa.

Na Senhora da Hora estava uma força de policia.

Nas Devezas foi feita uma manifestação hostil á passagem do comboio e quando o chefe evolucionista chegou a S. Bento o governador civil ofereceu-lhe logar no seu automovel, oferecimento que não foi aceite, seguindo no entanto aquela autoridade até ao hotel.

Assalto e empastelamento da "Liberdade,,

Junto do salão de musica onde o sr. dr. Antonio José de Almeida realisou a conferencia com os seus amigos politicos fica a redacção do jornal *A Liberdade*, que veiu substituir o jornal catolico *A Palavra*. Pouco depois das 2 horas, e já quando haviam dispersado os grupos reunidos em volta do hotel Francfort, um desses grupos conseguiu, sem que a policia désse por isso, penetrar dentro das oficinas da *Liberdade* e empastelou e inutilisou quasi todo o mobiliario. Avisadas a policia e a guarda republicana, compareceram no local forças duma e doutra, que nada pudéram evitar, e apenas distribuiram algumas pranchadas, tomando a seguir as embocaduras das ruas proximas.

Ao posto da Cruz Vermelha foi curar-se Miguel Rodrigues de Vasconcelos, alfaiate, de 65 anos, morador na rua Coronel Pacheco, que declarou nada ter com o caso, pois que passava no local, quando foi atingido por uma dessas pranchadas.

E' sempre assim.

NO DIA SEGUINTE

O sr. Antonio José de Almeida conferencia com os correligionários, sendo, por vezes, apupado nas ruas—O seu regresso a Lisboa

Segundo as notas mais autenticas de reportagem, o dia de segunda-feira tambem não decorreu propicio ao chefe evolucionista.

Assim, veja-se:

O sr. dr. Antonio José de Almeida saiu, pelas 11 horas, do hotel Francfort, onde se hospedara, com os srs. Malva do Vale e Vasconcélos e Sá, dirigindo-se para a rua José Falcão, onde, com aqueles amigos e correligionarios politicos, almoçou em casa de seu cunhado, sr. José Coimbra.

Terminada a refeição, saiu a fazer várias visitas, voltando de novo ao hotel, eram 14 horas. Ali, recebeu os cumprimentos de alguns amigos e correligionarios, com quem conversou até cêrca das 15 horas, hora a que de novo saiu, de automovel, com os srs. Malva do Vale e Rodrigo de Castro, para continuar nas suas visitas.

Na ocasião em que entrava para o *auto*, á porta do hotel, um grupo de individuos fez-lhe uma manifestação de desagrado, apupando-o, ao passo que partidarios do sr. dr. Antonio José de Almeida o saudavam.

Como por tal motivo os contrarios se aproximassem do *auto*, em atitude um pouco agressiva, o sr. Malva do Vale, de pé, no automovel, ergueu no ar a bengala, não se aproximando então aqueles.

O *auto* largou veloz pela rua Elias Garcia acima e meteu pelas ruas Formosa e de Santa Catarina, dirigindo-se ao governo civil, onde foi cumprimentar o chefe do distrito, a quem agradeceu e retribuiu os cumprimentos que lhe apresentara após a chegada.

Depois de por alguns minutos falarem, o sr. dr. Antonio José de Almeida, com os amigos que o acompanhavam, dirigiu-se á rua de Belmonte, onde foi despedir-se do banqueiro sr. Guilherme Guimarães Correia Leite, que déra a sua adesão ao partido evolucionista. Terminada éssa visita, outras ainda fez, recolhendo ao hotel pelas 16,30 horas. Aí falou com vários seus partidarios, entre os quaes o sr. dr. Nunes da Ponte.

A' chegada ao hotel alguns grupos fizeram manifestações de desagrado, que os correligionarios do sr. Antonio José de Almeida cobriram com vivas a este e ao partido evolucionista.

A policia e as patrulhas de cavalaria, que já então se encontravam no local, fizéram dispersar os populares, nada ocorrendo de anormal.

O deputado Malva do Vale fere gravemente, com um tiro de revólver, um transeunte, sendo preso

Depois das 16 horas, como constasse que o chefe evolucionista iria no *rapido* da tarde e embarcaria em S. Bento, á praça da Liberdade e imediações afluiram muitas pessoas, a fim de assistirem á partida.

O tenente Julio Caldeira foi ao hotel para saber quando o sr. dr. Antonio José de Almeida embarcava, a fim de preparar as forças que o deviam defender, e saiu para tratar disso.

O chefe evolucionista, porém, saiu antes da hora que marcara, dando esta imprudencia em resultado uma enorme manifestação de desagrado por parte de milhares de pessoas que enchiam a rua Elias Garcia e a Praça da Liberdade.

Quando o automovel chegava ao fundo da rua, o povo redobrou de furia, ouvindo-se assobios e morras e erguendo-se bengalas. Nésta altura, um dos companheiros do sr. dr. Antonio José de Almeida puxou de um revólver e disparou-o, indo ferir no baixo ventre um pobre rapaz que passava desprevenido.

O carro desapareceu veloz, seguido do povo, que gritava indignadissimo e ameaçador.

A' porta da estação a policia não permitiu a entrada ao povo, defendendo o sr. dr. Antonio José de Almeida e os seus companheiros. O tumulto agravou-se então. Ha murros e bengaladas sem conta, ficando alguns manifestantes feridos, e, entre eles, o evolucionista Antonio Augusto Sandiares, que, com a cabeça aberta, foi curar-se ao hospital.

Entretanto, o rapaz que levara o tiro era conduzido ao hospital, onde ficou em estado gràve, com uma bala em região melindrosa. Chama-se ele Julio Maximo Domingues Gorjal, tem 22 anos, é casado e tem uma filha de um ano, morando em Gaia E' socio da firma Ribeiro & Gorjal, da rua Elias Garcia, que é depositaria da fabrica da Pampulha, e dirigia-se á rua do Campinho, em negocio urgente, quando foi ferido. Recebeu no hospital a visita do pae.

Dentro da *gare* era pouca a gente. Quando o sr. Malva do Vale, deputado, ia a embarcar, foi detido por um policia, por ser ele quem disparara o tiro, e levado ao gabinete do chefe da estação.

O governador civil substituto falou então para Lisboa, pedindo ordens, e, uma hora depois, o sub-inspector da policia convidava o sr. Malva do Vale a meter-se com ele num *transwai* de Espinho, saindo ambos em Campanhã, de onde foram em automovel para o comissariado geral. Ali, confessou ter realmente disparado um tiro, mas em legitima defeza, sem intenção de matar ou ferir alguem. Recebeu depois alguns amigos, ficando ali detido.

O inspector da judiciaria e o chefe Carvalho foram tomar declarações ao sr. Gorjal, ficando de lá voltar ámanhã.

O comboio que conduzia o chefe evolucionista apedrejado em Gaia—Manifestações populares nas ruas

Os grupos de populares espalharam-se depois pela parte baixa, comentando os factos ocorridos com calor.

O comboio que conduzia o sr. dr. Antonio José de Almeida ao passar sob um pontão, em Gaia, foi apedrejado por um grupo de populares, de cima do referido pontão, ficando partidos alguns vidros das carruagens. O susto nos passageiros foi enorme.

Nas Devezas estava preparada uma manifestação de desagrado, mas o administrador evitou-a por meio da força armada.

A' noite, uma massa de povo percorreu a Baixa em ruidosa manifestação indo á redacção da *Montanha*. onde ergueu vivas a Afonso Costa e morras aos traidores, falando das varandas da redacção os srs. Luiz Martins e Antonio Maria da Silva.

O sr. dr. Almeida chega a Lisboa

A' hora da tabéla, 23,45 o *rapido*, onde viajava o chefe evolucionista, chegou á capital sem que pelo caminho se tivésse produzido qualquer incidente a não ser o apedrejamento do comboio em Gaia.

Muitos dos seus amigos foram espera-lo á estação, mas taes providencias se tomaram para evitar novos conflitos que o sr. dr. Antonio José de Almeida e o grupo de correligionarios, que o acompanhavam, tivéram de seguir no meio de forças de cavalaria até ao *Centro Evolucionista*, no Chiado, sendo-lhe aí feita uma quente manifestação que o sr. Antonio José agradeceu, duma varanda, afirmando que o seu partido, sendo um partido de *ordem* e de *paz é incapaz de promover tumultos e desordens*.

Após o discurso com que fechou a *triunfal viagem* do chefe evolucionista ao Porto, como lhe chama a *Republica*, alguns manifestantes dirigiram-se á redacção do *Mundo* onde esboçaram uma manifestação hostil áquele nosso colêga, que não teve consequencias pela rapida intervenção da força armada. Escusado será dizer que os que assim procederam foram os mesmos que, momentos antes, se esfalfaram a aplaudir o sr. Antonio José quando eloquentemente—parece que estamos a ouvi-lo—dos seus labios se soltaram estas palavras—... *e o partido evolucionista, sendo um partido de ordem e de paz, precisa afirmar que é incapaz de promover tumultos e desordens!*

Tableau.

* * *

Nota final: o sr. dr. Malva do Vale já se acha em liberdade mediante a fiança de 3.000 escudos, que lhe foi arbitrada.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

"Os Successos,,

Entrou no 25.º ano de publicação este semanário do Corgo Comum dirigido pelo sr. Marques Vilar.

Felicitâmo-lo.

O medico José Soares mudou a sua residencia para a rua do Carmo, n.º 20, junto do quartel de Cavalaria 8.

Notas mundanas

Regressou de Lisboa, o sr. dr. Augusto Gil, governador civil do distrito.

= Do Gerez viéram os srs. Manuel Cunha e Augusto Guimarães.

= Tambem, da capital, chegou o sr. capitão Pinto Queimada.

= Segue para ali o sr. dr. Zeferino Borges, medico de infanteria 24.

= Com curta demora, esteve nesta cidade o sr. Jeronimo Peixinho, empregado da Agencia Nacional de Navegação, que nos deu boas noticias dos nossos conterraneos e amigos, Francisco Costa e tenente Marques da Naia, o primeiro residente em Loanda e o segundo em Mossamedes.

= De passagem para a Arouca, veio no domingo a Aveiro o sr. Arnaldo de Brito Portas, ha pouco nomeado administrador daquele concelho.

= E' esperado por estes dias o sr. José Marques da Costa, que, em viagem de recreio, conta saír de Lisboa para visitar várias terras do norte.

= Partiu ontem para a Ferradosa o estudante Francisco Manuel Simões.

= Cumprimentou-nos nesta redacção o sr. Antonio da Cunha e Silva, de Válega.

= Está a veranear na praia do Farol, com sua familia, o sr. Silverio da Rocha e Cunha, capitão do porto de Aveiro.

= Esteve na segunda-feira entre nós o administrador de Mira, sr. João Maria Roldão.

= Ontem o sr. Manuel Silvestre, vereador municipal e proprietario em Vizeu.

= Casou ha dias com a menina Gracinda Rodrigues o sr. Joaquim de Almeida, de Agueda.

Muitas venturas.

= De Paris regressou na quarta-feira com sua dedicada esposa, o nosso amigo sr. Luiz Couceiro.

= Agravaram-se um pouco os padecimentos do sr. Domingos Gamelas Junior.

Sentimos.

= Parte por estes dias para o ultramar, o sr. Alberto Silva, que em Oliveira de Azemeis veio estar algum tempo.

Feliz viagem lhe desejâmos.

= Na terça-feira segue para o Rio Grande do Sul, o nosso amigo sr. Guilherme Francisco Luizo, de Nariz, que conta demorar-se apenas alguns mezes. Aqui nos veio dar o seu abraço de despedida, que muito lhe agradecemos, desejando que tenha todas as felicidades de que é digno.

= Acha-se no estrangeiro, de visita a um dos seus filhos mais velhos, a sr.ª Baronêsa da Recosta, esposa do sr. Mario Duarte.

=Da sua casa de Nariz embarcou para as termas de S. Pedro do Sul, o sr. Francisco Valerio Mostardinha, do Senado aveirense.

= Veio ontem a Aveiro o sr. Manuel Rodrigues Aires ha pouco chegado do Pará e que em Cacia, sua terra natal, conta demorar-se até ao fim do ano.

Muito estimâmos conhecer o simpatico rapaz.

= Concluiu com belas provas o seu terceiro ano do liceu a distinta aluna sr.ª D. Alda Mesquita, a quem felicitâmos.

Aos nossos assinantes de S. Thomé

a quem enviámos á cobrança os recibos de *O Democrata* pedimos, afim de nos evitarem novas despêsas, o obsequio de os satisfazere mlogo que sejam apresentados, o que muito agradecemos.

ATRAVEZ DE AFRICA

Passando o tempo

CYRO

A historia de Cyro é narrada de diversas fórmas, algumas vezes apresentando factos da sua vida que são desfeitos por outros historiadores, burilando-os estes confórme as crenças da época, e, as mais das vezes, a seu gosto, talvez para tornar o estudo mais interessante, mais atraente.

Herodato, historiador grêgo, é o que nos parece mais verdadeiro ao narrar a vida de Cyro.

* * *

Dominados os *Médos* pelos *Assyrios*, aqueles revoltaram-se e escolheram entre si, para seu rei, a um tal *Dejoces*. Este mandou edificar *Ecbatana*, cercando-a de grandes e fortes muros.

Dejoces morreu, sucedendo-lhe seu filho *Plraortes*, o qual subjugou os *pérsas*, morrendo mais tarde numa campanha contra os *assyrios*.

Cyaxares, filho de *Plraórtes*, mais guerreiro que nenhum dos seus antecessôres, submeteu os *assyrios* e os habitantes de *Ninive*; foi, porém, atacado por um exercito de *Scythas*, ficando vencido, perdendo assim a independencia da *Média*.

Os *Scythas* governaram a Asia durante 28 anos, devastando tudo e obrigando os *médos* a pagar enormes tributos.

Um dia foram aqueles barbaros recebidos na côrte de *Cyaxares*; embebedaram-se, e assim foram mortos, na sua maior parte, pelos *médos*, que désta fórma se viram livres do dominio dos *Scythas!*

Retomaram então os *médos* os seus antigos dominios, bem como *Ninive* e os territorios dos *assyrios*, salvo a Babylonia.

Subiu ao poder *Astyages*, filho de *Cyaxares*.

O novo rei têve um dia cérto sonho que o impressionou, do qual pediu explicação aos *Magos*, individuos que se dedicavam á sua interpretação.

Da explicação recebida ficou o rei dos *médos* aterrado, e resolveu não dar por esposa sua filha *Maudane* a nenhum *méda* ilustre, preferindo antes dal-a a um rei *persa* de nome *Cambyses*, homem de genio pacato.

Passado um ano outra vizão têve o rei dos *médos* que logo consultou os *Magos*. De tal fórma lhe foi explicado o segundo sonho, que o rei mandou imediatamente chamar á *Persia* sua filha, a qual estava nos ultimos dias de gravidez; e para se livrar de seu neto, a quem os *Magos* tinham vaticinado que seria o usurpador do rei da *Média*, conservou sua filha em costodia!

* * *

Logo que *Cyro* foi dado á luz, o rei mandou chamar *Harpago*, seu parente, amigo e vassalo exemplar, e disse-lhe:

Toma meu neto, que nasceu de minha filha Maudane; *leva-o para tua casa e mata-o; mas não me iludas.*

Harpago respondeu que cumpriria o que lhe era ordenado e seguiu para sua casa, levando *Cyro* recem-nascido.

Então *Harpago* contou a sua mulher

o que o rei lhe ordenára e com éla combinou o que deviam fazer.

Assim, pensaram: que o rei não tinha outro herdeiro além de *Maudane;* se deixasse de cumprir as suas ordens temia as terriveis consequencias que por isso lhes adviria; se cumprisse a vontade do rei, *Maudane* vingar-se-ía logo que tomasse conta do reino. Todavia, era forçoso cumprir as ordens de *Astyages.*

Resolveu então *Harpago*, de acôrdo com sua mulher, mandar chamar *Mitradates*, pastor dos rebanhos do rei, e em nome deste lhe ordenaria que levásse aquéla criança e a matasse.

Vivia *Mitradates* com sua mulher, a qual, quando este foi chamado por *Harpago*, estava para dar á luz.

Chegado *Mitradates* a casa de *Harpago*, este entregou-lhe a criança e em nome do rei lhe ordenou que a expozésse num lugar terrivel, onde houvéssem muitas féras. Mas que o não enganásse, pois manda-lo-ía vigiar.

Mitradates, aterrado, levou *Cyro* e contou por entre lagrimas a sua mulher o que lhe era ordenado. Esta, porém, beijando *Cyro* disse a *Mitradates*: *Ficâmos com esta criança; eu dei á luz um menino morto, que iremos expôr com os vestidos de* Cyro; *assim salvaremos esta criancinha, que ficará sendo nosso filho, e o nosso, que nasceu morto, terá sepultura real.* Assim fizéram e passados três dias avisaram *Harpago* de que a criança estava morta.

Harpago mando-a então enterrar como filho de rei, e *Cyro* ficou em casa de *Mitradates*, que o fez, como ele, guardador de gado logo que teve idade para isso.

* * *

Um dia, as crianças da aldeia andando a brincar, elegeram seu rei a *Cyro*, que distribuiu pelos garotos, seus companheiros, os lugares da sua côrte, como se fôra um rei! Todos obedeciam ás suas ordens, salvo: um dos garotos, filho de um tal *Artembares* que, por ser filho de um homem de grande valôr e reputação, julgou não dever obedecer ao filho do pastor. *Cyro*, ixasperado, ordenou aos seus pequenos vassálos que lh'o trouxessem á sua presença, e julgou-o a ser açoitado—o que os outros garotos executaram sem dó nem piedade!

Depois de solto foi correndo queixar-se a seu pai dos máus tratos que o filho do pastor lhe tinha dado.

Cyro tinha apenas dez anos!

Artembares foi á presença do rei fazendo-lhe grande queixa de *Cyro*. Imediatamente mandou *Astyages* chamar o pastor e seu filho.

Logo que estes chegaram á sua presença, diz o rei a *Cyro*: *Tu, sendo duma condição tão abjecta, ouzaste tratar com tal indignidade o filho do varão que ocupa o primeiro lugar na minha côrte?*

—O' Senhor, respondeu *Ciro*, meu comportamento funda-se na justiça; os rapazes da aldeia, a cujo numero esse pertencia, porque lhes pareci ser, dentre eles, o mais idoneo, escolheram-me para seu rei, numa ocasião em que andavamos brincando. Todos os outros obedeciam ás minhas ordens só esse se mostrave insubordinado, não fazendo caso das minhas determinações.

Eis o môtivo, Senhor, porque o mandei punir. Se por este meu procedimento sou digno de castigo, estou pronto para o receber.

Ciro falou tão bem, que *Astiages* pareceu reconhecel-o; nem só pelas feições e respostas, mas ainda pela idade que regulava pela do néto que tinha mandado matar.

Despediu rapidamente *Artembares*, prometendo-lhe que faria justiça; mandou levar *Ciro* para o interior do palacio e ficando só com o pastor, intimou-o a que lhe contasse toda a verdade referente áquéla criança.

Mitradates, assustadissimo, só confessou tudo depois de ser ameaçado com os tormentos; então o rei pouco caso fazendo do procêdimento do pastor, concentrou toda a sua colera contra *Harpago*, a quem imediatamente mandou chamar á sua presença.

Logo que *Harpago* chegou ao palacio o rei perguntou-lhe que morte tinha dado a seu néto. *Harpago*, que já tinha visto o pastor *Mitradates*, contou então a verdade, dizendo que assim tinha procedido para que o não julgassem assassino; mas que tinha ordenado, em nome do rei, ao pastor que o matasse—o que na rialidade o rei havia exigido—e que da morte do néto do rei tinha todas as provas, pois que ele proprio o tinha mandado enterrar.

Então o rei poude dominar o seu ressentimento e num tom de verdadeiro hipocrita, contou a *Harpago* o que se tinha dado, que foi para ele uma boa nova; pois, se não tivésse sucedido assim, os remorços o mortificariam!

Mandou a *Harpago* que lhe trouxésse seu filho para servir de companheiro ao principe, convidando-o ao mesmo tempo para assistir a um grande jantar que ia oferecer aos seus amigos em honra do neto.

Harpago satisfeito, mandou seu filho para palacio e, á hora indicada para o jantar, apresentou-se.

Astiages, porém, tinha, para satisfazer a sua cólera, mandado degolar o filho de *Harpago*, e, enquanto serviam ao rei e aos mais convivas diversas carnes, serviam a *Harpago* a do filho, feita de diferentes fórmas! Terminado o jantar os creados trouxeram a *Harpago* a cabeça do filho e as mãos, tudo numa terrina coberta e pediram-lhe que se servisse! *Harpago* descobriu e viu o que continha; mas homem de excepcional coragem não deu mostras do que lhe ía na alma!

Astiages perguntou-lhe então se sabia que carne tinha comido. *Harpago* respondeu que sim; mas que, tudo que ao rei aprouvesse, ele o julgava muito bem.

Depois retirou-se para sua casa, levando os restos de seu filho.

(Continúa)

José H. de Castro

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Contribuição industrial

Com a lei de 31 de Março de 1896 e Regulamento de 16 de Julho de 1896 e mais diplomas referentes a esta contribuição seguido das tabelas das industrias e profissões e das taxas que lhes correspondem, acaba de ser posto á venda este folheto.

Eis o sumario:

Disposições fundamentaes—Das bases da contribuição—Do lançamento e pagamento da contribuição—Ordem de terras e quadro das taxas variaveis—Juntas dos repartidores—Informadores louvados—Juntas dos repartidores do concelho ou bairro—Juntas centrais dos repartidores—Formação da matriz—Reclamações sobre a formação das matrizes—Lançamento das taxas fixas e convocação dos gremios—Recursos—Cobrança—Disposições penais—Disposições gerais—Recursos para os industriais se eximirem a exigencias ilegais dos exactores da fazenda e tudo, emfim, quanto póde interessar aos contribuintes e aos funcionarios de finanças, relativamente a este imposto—Decretos de 2 de Dezembro de 1910; 5 e 30 de Janeiro de 1911; 9 de Fevereiro de 1911; 14 de Março de 1911; 14 de Março de 1900; 25 de Abril de 1911; 31 de Agosto e 16 de Novembro de 1912—Tabelas do sêlo e taxas da contribuição industrial, etc., etc.

O preço de cada volume é de 25 centavos e pódem ser procurados nas livrarias ou pedidos á **Tipografia Gonçalves**, *12, rua do Mundo 14*—Lisboa.

Agradecemos o exemplar recebido.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JULHO

DIAS	PHARMACIAS
19	RIBEIRO
26	ALLA

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 8

(Retardada)

E' geral nesta terra o descontentamento, e com razão, pela fórma como atualmente o serviço da condução das malas do correio está sendo feito.

Ainda não vai longe o tempo em que o carro condutor chegava a Calvães ás 12 horas e partia ás 18; havendo por isso tempo de sobra para se responderem a muitas cartas no mesmo dia.

Semelhante serviço que era de incontestaveis vantagens para toda a freguezia, não durou, infelizmente, muito tempo, como em geral sucéde a todas as coisas de interesse publico e assim a hora da saída do correio foi sendo cada vez mais e mais reduzida a ponto de que atualmente sái ás 15,20.

Se em compensação a hora da chegada fosse mais cêdo, tudo estava bem, mas não é, é a mesma, e daí resulta que sendo esta freguezia grande de mais para um só distribuidor que ha, não póde o mesmo fazer o serviço a ponto de que quem morar nos logares afastados, como Beduido e Páus, e tivér urgencia em responder no mesmo dia a qualquer carta, não o póde fazer atendendo a que já não tem tempo para isso.

Não sabemos quais as razões de semelhante redução de horas na saída das malas do correio.

Dizem-nos que é para que as correspondencias destinadas ao norte possam seguir logo ao seu destino pelo comboio que passa em Aveiro ás 18,55.

Semelhante razão não tem justificação de existir, pois que, crêmos nós, nem por isso as mesmas correspondencias chegarão mais cêdo aos seus destinatarios.

A quem competir pedimos, pois, a saída do correio como em tempo se fazia, a fim de que os povos afastados possam ter tempo de responderem no mesmo dia ás suas correspondencias sempre que disso precisem.

A. J. A.

Idem, 15

Ficou hoje definitivamente assente, devido aos esforços dum grupo de benemeritos cidadãos de este logar, o inicio dum grande melhoramento para o povo de Alquerubim e outros proximos, qual seja a inauguração dum posto medico no Ameal, onde todos os domingos, ás 10 horas, serão dadas consultas a quem delas tiver necessidade.

Entre alguns cidadãos que para esse fim se quotisaram, junto a uma verba que a ilustre vereação do respectivo concelho votou com identico intuito, foi reunido o capital preciso para ocorrer a todas as despêsas inerentes á creação desse serviço ha tanto reclamado.

Como se vê, o facto representa um grandissimo melhoramento que, todavía, almas pequeninas tem inutilmente tentado menoscabar, atribuindo á comissão intentos e propositos que, podemol-o afirmar sem receio de desmentido, nem sequer acudiram á mente de nenhum daqueles que com o mais decidido empenho tem trabalhado para a realisação dele, superiormente reconhecido e provado com a creação do partido medico que, por várias razões, não tem tido concorrentes até hoje...

Como só no proximo domingo poderá ser feita larga e proveitosa distribuição do aviso respectivo, a primeira visita medica terá logar na segunda-feira, 20 do corrente, pelo sr. dr. Lourenço Peixinho, já em demasia conhecido entre nós não só por serviços aqui prestados como ainda pelos seus reconhecidos méritos e saber.

Compreendendo quanto de benéfico e importante representa o melhoramento que vimos referindo, a ele nos associamos, aplaudindo-o e enviando á ilustre comissão que levou a cabo o seu benemerito intento os nossos mais sincéros e entusiasticos parabens. De resto, ha seculos que as caravanas passam, os cães ladrem e a lua brilha! E porque eles ladrem, não deixam as caravanas de se-guir...

F. S.

Pinhão, Oliveira de Azemeis, 13

Réplica ao sermão de Santo Antonio que em 12 foi prégado na capéla de Ossela, dedicado ao honrado paroco daquéla freguezia

A capéla ou ermida estava apinhada na sua totalidade quasi de mulheres, afim de escutarem a narrativa das virtudes do Santo. Após o sinal de duas badaladas feitas na torre da egaeja, o abade da freguezia derigiu-se para o pulpito e com gestos pragmaticos dum actor dramatico oomeçou a recitar. De chapéu na mão fitei os olhos naquele masmarro prestando toda a atenção ao seu rendilhado e atraente discurso. Eu na qualidade de cristão presumo que entre a turba clerical alguns padres ha;mas muitissimo raros se encontram que ensinem a catequese cristã ao povo tal e qual como éla é na sua essencia sublime, mas outros ha que são uns verdadeiros parasitas, uns verdadeiros desmoralisadores que a corrompem e conspurcam para engrandecimento da sua bolsa,desvirtuando um povo que tem por religião o trabalho honesto, semeando a discordia na familia portuguêsa servindo-se para isso da capa de Cristo, esse iluminado e talvez o primeiro republicano que existiu e que dizía: —*Amai-vos uns aos outros.*

Santo Antonio se foi laureado Santo é porque naturalmente prégava a moral sem interesse e mostrava o exemplo.

Ele mesmo reconhecia em si que era uma materia fragil e procedia mais santa e castamente, renunciando aos interesses do mundo. Se prégava o bem era gratuitamente e não pedia batatas nem congruas ao povo, nem fazia dos templos coio para reuniões politicas... A nossa santa religião cristã está profanada pelos proprios padres que é onde se encontra o maior escandalo. Frei Bartolomeu dos Martyres teria sido assassinado pelo proprio clero magestatico ao sair do concilio de Trinto se não foge imediatamente. E pelo quê? Porque em harmonia com a doutrina transmetida aos apostolos de S. Paulo e Promoteu ele pediu carinhosamente que permitissem o consorcio para o clero, evitando assim tanto escandalo e tanto abandono de creaturas humanas. Para terminar: a egreja não se póde vangloriar muito dos seus beneficios, porque tem pela frente a historia a afirmar-lhe o negro quadro dos seus monstruosos crimes praticados em nome do justo que tanta piedade, compaixão e profundo amormostrou pelo seu proximo. De 1540a 1732 a santa inquisição expoliou em Portugal, torturou e julgou 23.068 réus e relaxou em carne ou como se disséssemos, queimou, 1.434 pessoas, algumas délas mulheres de menos de vinte anos!

Vêde que soberba tarefa em menos de dois seculos. A Espanha em menos de trezentos anos torturou 341.021 pessoas, queimando 31.912 em carne e 17:699 em estatua! Tudo isto em nome da religião daquele misericordioso sonhador de Nazareth, que andou pelo mundo a dizer amai-vos uns aos outros como irmãos, e que morreu na Cruz de Golgotha a formular, por entre as angustias do seu estertor, esta suprema petição de piedade humana: o perdão dos proprios matadores. Para isto assistiam os santos padres, em bandos, de cruz alçada, ao suplicio das victimas, e a cada grito de dôr e de infernal desespero, respondiam com responsos e aspersões de agua benta!

Alcunha

Anuncios

E'ditos

(1.ª PUBLICAÇAO)

Por este Juizo, escrivão Marques, correm éditos de 30 dias a contar da 2.ª publicação deste anuncio, citando os herdeiros e credores José Simões Maio, solteiro, maior, e Manuel Simões Maio, solteiro, menor pubere, ausentes em parte incerta do Brazil, para todos os termos e deduzirem os seus direitos no inventario orfanologico a que se procede por obito de seu pae Manuel Simões Maio, morador, que foi, em Arada, désta comarca, em que é cabeça de casal a viuva Rosa dos Santos Vieira, do mesmo logar. Artigo 696, §§ 3.º e 4.º do Codigo do Processo Civil.

Aveiro, 14 de Julho de 1914.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão,

Francisco Marques da Silva